

Microscópio

RAUL PILLA

Uma das mais frequentes objeções movidas ao regime parlamentar é gerar êle governos fracos, enquanto fortes os produziria o regime presidencial. Origina-se a crítica na confusão entre govêrno forte e govêrno de fôrça, duas coisas distintas e, até certo ponto, contraditórias. O presidencialismo dá governos de fôrça, ditaduras mais ou menos bem caracterizadas, que, por isto mesmo, estão sujeitas a ser varridas de um momento para outro; o parlamentarismo impossibilita governos de fôrça, mas permite governos fortes, porque fundados essencialmente na opinião pública.

Desta verdade acaba de dar-nos mais uma demónstração a França, justamente o país que aos ignoros tem servido de cavalo de batalha contra o parlamentarismo. Desnecessário será pintar aqui a complicada e confusa situação politico-social daquela grande nação e accentuar que ella está sendo teatro de perigosa luta entre comunistas e cesaristas. Diversos gabinetes se sucederam a espaço de semanas, até que ao último — o gabinete Queuille — coube fazer face a uma greve de caráter revolucionário, promovida pelos comunistas.

Que vimos, então? Um govêrno de gabinete, que os nossos presidencialistas reputam fraco por natureza, dominou inteiramente a greve e o fêz sem lançar mão do estado de sítio e de outras providências de exceção, a que recorreriam fatalmente os fortes governos presidencialistas da América Latina.

Convém, pois, não confundir governos de fôrça, com governos fortes. Governos de fôrça, sòmente o presidencialismo os pode ter, pois sòmente êle admite que um govêrno se possa manter contra os sentimentos e a vontade da maioria; governos fortes, dá-os o parlamentarismo, pois os funda constantemente na opinião pública e os substitui quando decaem da confiança da maioria, isto é, quando passam a ser fracos.